

**RESUMO DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *GAUDETE ET EXULTATE*
DO SANTO PADRE FRANCISCO
SOBRE A CHAMADA À SANTIDADE
NO MUNDO ATUAL**

Este não é um texto acadêmico ou doutrinal. O seu objetivo é o de “fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual”.

CAPÍTULO 1: A CHAMADA À SANTIDADE

Há muitos tipos de santos. Para lá dos santos oficialmente reconhecidos pela Igreja, muitas outras pessoas comuns não foram inscritas nos livros de história, mas o seu contributo para mudar o mundo foi decisivo. Entre essas, há muitas testemunhas cristãs cujo martírio é uma característica do nosso tempo. “Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho”. A santidade é fazer experiência dos mistérios da vida de Cristo, “morrer e ressuscitar continuamente com Ele” e reproduzir aspetos da sua vida terrena: a sua proximidade aos excluídos, a sua pobreza, o seu amor abnegado. “Permite [ao Espírito Santo] plasmar em ti aquele mistério pessoal que possa refletir Jesus Cristo no mundo de hoje”, numa missão de edificar o reino de amor, justiça e paz universal.

A santidade é tão diversa como o género humano; o Senhor tem em mente um caminho particular para cada crente, não apenas o clero, as pessoas consagradas ou quem escolheu a vida contemplativa. Somos todos chamados à santidade, seja qual for o nosso papel, “vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho” e na entrega quotidiana a Deus. Entre estas formas de testemunho contam-se os “estilos femininos de santidade”, de famosas mulheres santas e as mulheres “desconhecidas ou esquecidas” que transformam permanentemente as suas comunidades. Tanto como por ocasião dos grandes desafios, a santidade cresce por meio de pequenos gestos: recusar dizer mal de alguém, escutar com paciência e amor, dizer uma palavra carinhosa a um pobre.

A santidade mantém-nos fiéis à nossa identidade mais profunda, livres de todas as formas de servidão e dando fruto para o nosso mundo. A santidade não nos torna menos humanos, pois é um encontro entre a nossa fraqueza e o poder da graça de Deus. Mas temos necessidade de momentos de solidão e silêncio diante de Deus, para nos confrontarmos com o que realmente somos e deixarmos o Senhor entrar.

CAPÍTULO 2: DOIS INIMIGOS SUBTIS DA SANTIDADE

O Gnosticismo e o Pelagianismo, duas “falsificações da santidade” dos tempos da Igreja primitiva, ainda nos extraviam. Estas heresias propõem “um imanentismo antropocêntrico, disfarçado de verdade católica” exagerando a perfeição humana sem a graça.

Os gnósticos não percebem que a nossa perfeição se mede pelo nosso grau de caridade, não pela quantidade de dados e conhecimentos. Separando o intelecto da carne, reduzem os ensinamentos de Jesus a uma lógica fria e dura que procura tudo dominar. Mas a doutrina “não é um sistema fechado, privado de dinâmicas próprias capazes de gerar perguntas, dúvidas, questões”. A

experiência cristã não é um conjunto de exercícios intelectuais; a autêntica sabedoria cristã nunca se pode separar da misericórdia para com o nosso próximo.

Em paralelo com o poder que o Gnosticismo atribuía ao intelecto, o Pelagianismo fazia-o em relação à vontade humana, ao esforço pessoal. Embora os modernos pelagianos falem calorosamente da graça de Deus, dão a entender que a vontade humana é algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a graça. Ignoram que, nesta vida, as fragilidades humanas não são curadas, completamente e duma vez por todas, pela graça.

A graça supõe a natureza. A graça não nos torna sobre-humanos, mas toma-nos e transforma-nos de forma progressiva. Se recusarmos esta realidade histórica e progressiva, de facto podemos chegar a negar e bloquear a graça do Senhor. A sua amizade supera-nos infinitamente: não podemos adquiri-la com as nossas obras, mas unicamente por um dom que brota da sua iniciativa de amor.

Quando sobrevalorizam a vontade humana e as suas próprias capacidades, alguns cristãos podem tender para a obsessão pela lei, o fascínio com as vantagens sociais e políticas, um escrupuloso cuidado com a liturgia, a doutrina e o prestígio da Igreja, a vanglória ligada à capacidade de gestão de assuntos práticos, a atração excessiva pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial, bem como determinadas normas, costumes ou formas de agir. A vida da Igreja pode transformar-se numa peça de museu ou numa propriedade de poucos. Despoja-se assim o Evangelho da sua simplicidade, fascínio e sabor, reduzindo-o a um esquema que deixa poucas aberturas para que a graça atue.

CAPÍTULO 3: À LUZ DO MESTRE

As bem-aventuranças são a forma de Jesus descrever o que significa ser santo na nossa vida quotidiana. Aqui “feliz” ou “bem-aventurado” torna-se sinónimo de “santo”. Alcançamos a verdadeira felicidade pela prática fiel das bem-aventuranças. Só as podemos viver se o Espírito Santo nos permeiar com toda a sua força e nos libertar da nossa fraqueza, egoísmo, autossatisfação e orgulho.

O Papa Francisco descreve cada uma das bem-aventuranças e o seu convite, a concluir cada secção:

- “Ser pobre no coração: isto é santidade”.
- “Reagir com humilde mansidão: isto é santidade”.
- “Saber chorar com os outros: isto é santidade”.
- “Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade”.
- “Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade”.
- “Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade”.
- “Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade”.
- “Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade”.

No capítulo 25 do Evangelho de Mateus (vv. 31-46), Jesus detém-se na bem-aventurança da misericórdia. “Se andamos à procura da santidade que agrada a Deus, neste texto encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados”. Quando reconhecemos Cristo nos pobres e atribulados, percebemos o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas. “O Senhor deixou-nos bem claro que a santidade não se pode compreender nem viver prescindindo destas suas exigências”.

As ideologias falaciosas podem levar-nos, por um lado, a separar estas exigências do Evangelho do nosso relacionamento pessoal com o Senhor, pelo que o cristianismo se transforma numa espécie de ONG, privando-o daquele misticismo irradiante tão evidente na vida dos santos. Por outro lado, há quem desvalorize o compromisso social dos outros, considerando-o superficial, mundano, secularizado, materialista, comunista ou populista; a sua própria preocupação ética supera todas as outras.

A nossa defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque neste caso está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada, e exige-o o amor por toda a pessoa, independentemente do seu desenvolvimento. Mas “igualmente sagrada” é a vida dos pobres, de quantos se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, na eutanásia encoberta de doentes e idosos, no tráfico de pessoas e nas novas formas de escravatura. A situação dos migrantes não deveria ser um tema secundário relativamente às questões “sérias” da bioética. Para um cristão, a “única atitude condigna é colocar-se na pele do irmão que arrisca a vida para dar um futuro aos seus filhos”.

CAPÍTULO 4: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SANTIDADE NO MUNDO ATUAL

O Papa fala a seguir de “alguns aspetos da chamada à santidade, que tenham – assim o espero – uma ressonância especial”, na forma de “cinco grandes manifestações do amor a Deus e ao próximo, que considero particularmente importantes devido a alguns riscos e limites da cultura de hoje”.

1) Suportação, paciência e mansidão.

Assim se descreve a força interior, enraizada em Deus, que torna possível o testemunho da constância na prática do bem. Temos de estar atentos e combater as nossas inclinações agressivas e egocêntricas. Os cristãos podem fazer parte “de redes de violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital”. Mesmo nos *media* católicos, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia. “É impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se ignora completamente o oitavo: «não levantar falsos testemunhos» e destrói-se sem piedade a imagem alheia”.

Não é correto olharmos com altivez para os outros como juízes sem piedade, sendo arrogantes com eles e pretendendo continuamente dar lições. Esta é uma forma subtil de violência.

Estar no caminho da santidade significa suportar “humilhações diárias”, como é o caso, por exemplo, “daqueles que calam para salvar a sua família, ou evitam falar bem de si mesmos e preferem louvar os outros em vez de se gloriar, escolhem as tarefas menos vistosas e às vezes até preferem suportar algo de injusto para o oferecer ao Senhor”. Agir desta forma “pressupõe um coração pacificado por Cristo, liberto daquela agressividade que brota dum «ego» demasiado grande”.

2) *Alegria e sentido de humor*

Os santos são alegres e vivem com sentido de humor. Irradiam um espírito positivo e rico de esperança, mesmo em tempos difíceis.

O mau humor não é sinal de santidade. A tristeza pode ser um sinal de ingratidão para com os dons de Deus. A cultura consumista e individualista de hoje não proporciona uma verdadeira alegria; o consumismo só atravanca o coração.

3) *Ousadia e ardor*

A santidade é também *parresia*: é ousadia, um impulso para evangelizar e deixar uma marca neste mundo. “A ousadia e a coragem apostólica são constitutivas da missão”. Se ousarmos ir às periferias, encontraremos Jesus que já lá está, nos corações dos nossos irmãos e irmãs, na sua carne ferida, nas suas aflições, na sua profunda desolação.

A Igreja não precisa de burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem-nos, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora. O Espírito Santo faz-nos contemplar a história na perspectiva de Jesus ressuscitado. Assim a Igreja, em vez de cair cansada, poderá continuar a acolher as surpresas do Senhor.

4) *Em comunidade*

Viver e trabalhar em comunidade com outros é um caminho de crescimento espiritual. Partilhar a palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e faz de nós uma comunidade santa e missionária. Dá origem também a autênticas e partilhadas experiências místicas.

Estas experiências, contudo, são menos frequentes e importantes do que os pequenos detalhes diários. Jesus convidava os seus discípulos a prestarem atenção aos detalhes: o vinho que estava a acabar numa festa, uma ovelha que faltava, as duas moedinhas de uma viúva. Às vezes, no meio destes pequenos detalhes, somos presenteados com consoladoras experiências de Deus.

5) *Em oração constante*

A oração confiante de qualquer duração é uma resposta de um coração que se abre a encontrar Deus face a face, onde a voz suave do Senhor pode ser escutada. Neste silêncio, é possível discernir os caminhos de santidade que o Senhor nos propõe. Para todo o discípulo, é essencial passar tempo com o Mestre, escutá-Lo, aprender sempre com Ele.

Se Deus quis entrar na nossa história, a nossa oração é tecida de recordações. Contempla a tua história quando rezas e, nela, encontrarás tanta misericórdia.

A oração de *súplica* é expressão de um coração que confia em Deus, pois sabe que sozinho nada consegue. A oração de *petição* tranquiliza-nos tantas vezes o coração e ajuda-nos a perseverar com esperança. A oração de *intercessão* é um ato de confiança em Deus e, ao mesmo tempo, uma expressão de amor ao próximo.

Na Eucaristia, a palavra escrita atinge a sua máxima eficácia, porque ali a Palavra viva está realmente presente.

CAPÍTULO 5: LUTA, VIGILÂNCIA E DISCERNIMENTO

O mal está presente desde as primeiras páginas das Escrituras. Não pensemos que o demónio seja um mito, uma figura de estilo ou uma ideia, para que não nos descuidemos nem fiquemos mais expostos.

O nosso caminho para a santidade é uma luta constante, para a qual o Senhor nos mune com a oração, a Palavra de Deus, a celebração da Missa, a adoração eucarística, a Reconciliação sacramental, as obras de caridade, etc.

O caminho da santidade é uma fonte de paz e alegria que o Espírito nos dá. Como é possível saber se algo vem do Espírito Santo ou se deriva do espírito do mundo e do espírito maligno? Pelo discernimento, que é mais do que inteligência e sentido comum. Hoje tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida atual oferece enormes possibilidades de distração, apresentadas como se fossem todas válidas e boas.

O discernimento é uma graça. Não está reservado aos mais inteligentes e instruídos, nem requer capacidades especiais. Mas exige que se escute: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras. Dá-nos a liberdade de renunciar aos nossos pontos de vista parciais e insuficientes, às nossas formas habituais de considerar as coisas. Temos de discernir os tempos de Deus, para não ignorarmos o seu convite a crescer. Por esta razão, peço a todos os cristãos que não deixem de fazer cada dia, em diálogo com o Senhor, um sincero exame de consciência.

Temos necessidade do silêncio da oração prolongada para perceber melhor a linguagem de Deus, para interpretar o significado real das inspirações que julgamos ter recebido, para acalmar ansiedades e ver de um modo novo o conjunto da própria existência à luz de Deus.

O nosso discernimento atento implica obediência ao Evangelho como último critério, mas também ao Magistério que o guarda, procurando encontrar no tesouro da Igreja aquilo que pode ser mais fecundo para “o hoje” da salvação; pois a rigidez não tem lugar no “hoje” perene do Senhor Ressuscitado.

Deus pede-nos tudo, mas também nos dá tudo. Deus não quer entrar na nossa vida para a enfraquecer, mas para a levar à perfeição. Peçamos ao Espírito Santo que infunda em nós um desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus; e animemo-nos uns aos outros neste propósito. Assim, compartilharemos uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos.

Roma, 19 de março de 2018